

Nenhum perigo ha maior do que uma liberdade sem guia, porque pode cair em todos os abusos que de outro modo seriam impossiveis. Em baixo, está o determinismo e as consciencias mais presas á materia são menos livres do que aquelas que, por terem evolvido, se emanciparam das suas leis fatais. E' justo que somente a uma sabedoria maior corresponda maior liberdade e a esta maior responsabilidade (e gravidade de perigos e de consequencias). De tal sorte, o livre arbitrio é relativo, gradual e evolve com a consciencia e também relativa e progressiva é a responsabilidade das proprias ações. *Na materia está a escravidão; no espirito as sendas da liberação.*

LXVII — A prece do viandante.

Pára, oh! alma, que abatida te encontras á orla da estrada, detem-te um instante no eterno caminho da vida, depõe o fardo das tuas expiações e repousa.

Vê como é cheia de harmonia a obra de Deus! Suave e grandiosa musica emana do ritmo dos fenomenos. Através das formas exteriores, os dois misterios, o da alma e o das coisas, se observam e sentem um ao outro. Da sua profundidade o teu espirito ausculta e compreende. Da visão das obras de Deus resultam a paz e o olvido. Diante da divina beleza do criado, aplaca-se a tempestade do coração. Paixão e dor adormecem num cantico sem fim, lento e dulguroso. Dir-se-ia que a mão de Deus, através das harmonias do universo, faz perpassar sobre a tua fronte prostrada de cansaço uma como reconfortante brisa e te ampara com uma caricia. Beleza, repouso d'alma, contacto com o divino! Então, o viandante exaustado se reanima por um renovado pressentimento da sua méta. Deixa de ser longo o caminhar e menos distante se torna o ponto a atingir, quando por um instante o viajor pára e se abebera na fonte. Aí, a alma contempla, por antecipação, e de novo se ergue. Com o olhar dirigido para o Alto, mais facil se lhe faz o prosseguir na fadigosa jornada.

Pára, na tua via dolorosa; enxuga a tua lagrima e escuta. E' imenso o cantico, baixam do infinito as harmonias, a beijar-te a fronte, oh! extenuado caminheiro da vida. A par do som das vozes titanicas do universo, sussurram, num rendilhado de belezas, as brandas vozes das humildes criaturas irmãs. "Tambem eu, tambem eu", clama cada uma delas, "sou filha de Deus e luto e soufro, trazendo a minha cruz e me aproximo da vitoria; tambem eu sou vida, na grande vida do Todo". E tudo, do fragor da tempestade ao canto matutino do Sol, do sorriso do recém-nato ao grito dilacerante da alma, tudo de si fala, na voz que lhe é propria, em harmonia com as vozes irmãs; tudo exprime o seu misterio intimo; cada sêr exterioriza o pensamento de Deus. Quando a

dor morde as mais delicadas fibras do teu coração, ouves uma voz que te diz: *Deus*. Quando a caricia do crepusculo te adormenta do sono calmo de todas as coisas, diz-te uma voz: *Deus*. E a estupenda visão supéra toda dor.

Pára, escuta e ora. Estende os braços para o criado e com ele repete: "Deus, amo-te". A tua prece, não mais desanimada admiração do poder divino, é agora mais elevada: é amor. E' a prece melodiosa, a evoluar-se como um cantico que a alma repete e que ecoa de vale em vale pela terra inteira, de onda em onda pelos mares, de estrela em estrela pelos espaços infindos. E' a sublime palavra de amor, que as colossais unidades do universo redizem, em unissono com a sumida voz do ultimo inseto, que timido se esconde na erva. Sumida parece, mas, no entanto, a ela tambem Deus conhece, recolhe e ama. No infinito do espaço e do tempo, essa a força unica, imensa onda de amor, que tudo mantém conjugado, num harmonioso desenvolvimento de forças. A visão suprema das coisas ultimas, da ordem em que avangam todas as criaturas, só ela dará um sentimento de paz, de paz verdadeira, de paz profunda, de alma saciada, porque vê a sua mais alta méta.

Assim, ainda maior se te apresenta Deus, do que no seu poder de Criador; apresenta-se-te na potencialidade do seu amor. Expande-te, alma; não temas. E' *bondade* o novo Deus da boa nova do Cristo. Não mais os vingadores raios de Jupiter e sim a verdade que convence, a caricia que ama e perdoa. O abismo infinito que desalentado contemplas, ali não está para tragar-te na treva do misterio; ele se enche de luz e das suas profundezas emerge, sem fim, o hino da vida. Lança-te com confiança, porque esse abismo é amor. Não digas: ignoro; dize: amo.

Ora, ora, em presença das ilimitadas obras de Deus; diante da terra, do mar, do céu. Pede-lhes que te falem de Deus; pede aos efeitos a voz da causa; pede ás formas o pensamento e o principio que as anima todas. E todas as formas se te aglomerarão em torno, te estenderão fraternos os seus braços; olhar-te-ão com mil olhos feitos de luz, e o eterno porvir da vida te envolverá qual caricia. E as mil vozes te dirão: "Vem, irmão, sacia o teu olhar interior, ganha forças na visão sublimada. E' grande e bela a vida e sempre digna de ser vivida, mesmo na dor mais atroz e tenaz". E te tomarão das mãos bradando: "Vem, transpõe o limiar e encara o misterio. Vê: não podes morrer; morrer, nunca, nunca. A tua dor passará e, por virtude dela, subirá e o resultado permanecerá. Não temas a morte nem a dor. Elas não são nem um fim, nem um mal: são o ritmo da renovação e o caminho das tuas ascensões. A vida é um cantico intermino. Canta conosco, canta, com a criação toda, o infinito cantico do amor".

Ora, assim, oh! alma fatigada: "Senhor, bendito sejas, sobretudo pela dor irmã, que de ti me aproxima. Prostro-me

diante da tua obra imensuravel, mesmo que a minha parte nela seja o cansaço. Nada te posso pedir, porque tudo na Tua criação já é perfeito e justo, mesmo o meu sofrer, mesmo a minha imperfeição, que desaparecerá. No posto do meu dever, aguardo a minha maturação. Busco repouso em contemplar-Te".

Corresponde, oh! alma, ao amplexo imenso e verdadeiramente sentirás Deus. Se a intelligencia dos grandes se prostra e venéra, desalentada em face da potencia do conceito e da sua realização, e se achega ao divino para percorrer as sendas fatigantes da mente, o coração dos humildes chega a Deus, pelas sendas da dor e do amor. Sente-o pelas veredas dessa mais profunda sabedoria.

Ora assim, oh! alma exausta. Deita-Lhe no regaço a cabeça e repousa.

LXVIII — A grande sinfonia da vida.

Consideremos de novo as harmonias da vida, no seu mais profundo aspecto científico. E' sempre, ainda aqui, uma contemplação da beleza divina. A visão estetica nutre e eleva, do mesmo modo que a visão conceptual, que vos dá a chave daquela beleza, pois que fé, arte e ciencia são um só cantico, no seio da mesma harmonia. O mundo biologico é todo um edificio de maravilhosa arquitetura, é um organismo de correspondencias e permutas; é uma sinfonia constituida de harmonias e equilibrios perfeitos.

Vimos que os elementos com que a vida compõe a sua veste organica, ao mesmo tempo expressão e elaboração de psiquismo, são *hidrogenio, carbono, azoto e oxigenio*, existentes na atmosfera, em grande abundancia, no momento das geneses. Esses os corpos que de novo encontrais como *elementos organógenos*, na estrutura plasmatica, nestas proporções: Carbono 53 %; Oxigenio 23 %, Azoto 17 %, Hidrogenio 7 %. Tambem os encontrais em o corpo humano, nestas aproximativas proporções (tipo medio): Oxigenio, 44. kg., Carbono, 22 kg., Hidrogenio, 7 kg., Azoto, 1 kg., etc. Todos os compostos organicos se constroem com estes elementos que, na grande mobilidade dos edificios quimicos da vida, circulam numa incessante permuta. O material organico é coletivo, circulante, qual uma corrente, por organismos comunicantes, como patrimonio comum em que todos os seres se abeberam, afim de construir cada um para si a forma mais apropriada á expressão e ao desenvolvimento do proprio psiquismo.

A *planta* é a maquina propria e especial para a construção desse material organico, por meio daqueles quatro elementos. Vimos que a vida surgiu no regaço das aguas. As primeiras plantas, gelatinosas e flutuantes nos mares, começaram a operar a sintese dos materiais organicos com os do mundo inorganico. O ma-

ravilhoso quimismo das folhas verdes iniciou a transformação da materia morta em materia viva, captando e armazenando ao mesmo tempo a energia da grande fonte solar. Encetada a construção da materia vivente, entrou esta a aumentar constantemente e a acumular-se, a enriquecer o patrimonio coletivo, que depois entraria em circulação nas trocas reciprocas entre vida vegetal e vida animal.

Observai que maravilhoso equilibrio! Enquanto que as plantas dispõem de poderes construtivos e desempenham a função de acrescer a massa dos produtos organicos do planeta, os animais vivem da destruição desses produtos, utilizando-se, para entretenimento de suas vidas, da energia solar fixada pelas plantas no material organico que elas construíram. A planta produz, o animal consome; são duas maquinas com funções opostas e inversas. A planta fórma a materia organica, o animal, por um processo de lenta combustão, vai demolindo a construção, restituindo o material ás suas condições primitivas. Assim, o primeiro processo, que é de sintese, se equilibra com o segundo, complementar, de decomposição.

A' planta, pois, pertence a gloria de haver realizado o trabalho da primeira construção organica, sem o que a vida animal superior não teria podido formar-se e subsistir. Ainda hoje, deveis a vossa vida á obra construtiva das plantas. No estado natural, os elementos quimicos fundamentais da vida só se encontram juntos, combinados, isto é, carbono e hidrogenio unidos ao oxigenio sob a forma de anhidrido carbonico (CO_2) e agua (H_2O). A planta é a maquina que executa o trabalho de separar do oxigenio o carbono e o hidrogenio. Na molecula de anhidrido carbonico, composta de um atomo de carbono e dois de oxigenio, a planta deixa livre no ar o oxigenio e assimila o carbono. Na molecula da agua, construida de dois atomos de hidrogenio combinados com um de oxigenio, ela, igualmente, deixa livre no ar o oxigenio e assimila o hidrogenio.

No animal, é inverso o processo. Na respiração, torna ele a combinar o oxigenio com o carbono e o hidrogenio e o restitue assim combinado, sob a fórma de anhidrido carbonico e agua. Desse modo, animais e plantas executam inversamente seus respiros e pela compensação continua das funções inversas, é mantido o equilibrio. Esse antagonismo de funções vegetais e animais permite que a vida possa prolongar-se indefinidamente. Tambem na vida, nada se cria e nada se destroe, tudo se transforma. Aí tendes uma nova confirmação do principio geral, segundo o qual nenhum fenomeno jamais se move numa direção unica, retilinea, mas em direção ciclica, com inversões e retornos sobre si mesmo. Na quimica da vida, igualmente, o que nasce morre e o que morre renasce.

Imaginal que imensa forja de construções vitais não se ha tornado a terra com o progressivo expandir-se das plantas pelos continentes emersos. Ilimitados mares de verde substancia trabalham sem pausa na construção da materia prima de que depois se-